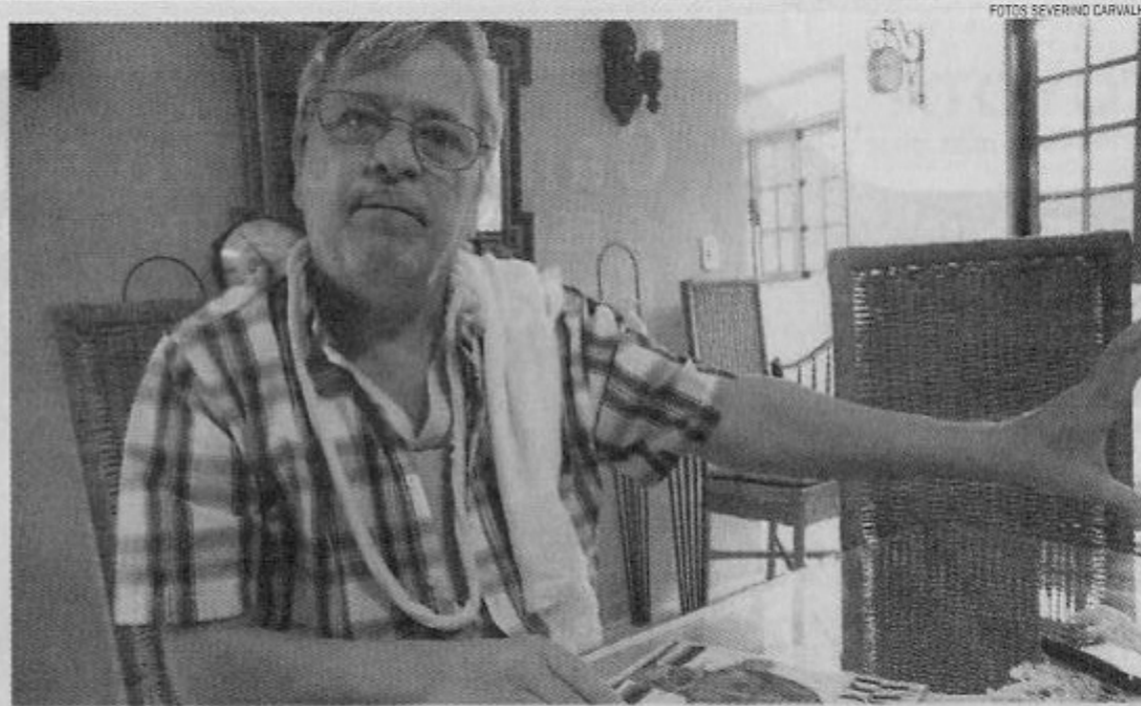




Buraco ao lado da igreja foi fotografado em 1999



Professor de arqueologia da Ufal, Aloísio Vilela cita como referências as obras de Duarte Coelho e de frei Manuel Calado

TÚNEIS. Livros publicados no século 17 fazem menção às estruturas durante as invasões holandesas

Professor da Ufal defende estudo

Para o arqueólogo Aloísio Vilela, há sim referências historiográficas acerca da existência das passagens subterrâneas em Porto Calvo

SEVERINO CARVALHO
 REPÓRTER

Na edição de domingo, 8 de julho, o caderno de Municípios da Gazeta de Alagoas publicou reportagem acerca da possível existência de túneis que cortariam o subsolo da histórica cidade de Porto Calvo. As estruturas subterrâneas teriam sido construídas no século 17 e serviriam às fugas dos exércitos luso-espanhol e holandês, que disputavam a posse do território.

Antigos moradores entrevistados pela Gazeta garantiram que os túneis existem e que, até, já vislumbraram suas entradas,

na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação e no Alto da Forca; bem como suas saídas, que estariam submersas pelas águas do Rio Manguaba.

Em contrapartida, o arquiteto e urbanista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Alagoas (Iphan), Sandro Gama, sentenciou que não existe, na historiografia da arqueologia brasileira, nenhuma comprovação acerca da existência de túneis de fuga/abastecimento usados durante as batalhas.

Eis que surge uma voz no meio acadêmico que levanta-se para dizer que há sim, na historiografia, re-

ferências e alusões aos tais túneis misteriosos de Porto Calvo. Trata-se do professor de arqueologia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Aloísio Vilela de Vasconcelos.

“Depois da reportagem, andei vendo alguns livros em minha biblioteca. Verifiquei que há sim referências à existência dos túneis”, afirmou o professor. E, como comprovação, cita duas obras publicadas no século 17: *Memórias Diárias da Guerra do Brasil*, de Duarte de Albuquerque Coelho (1654), e o *Valoroso Lucideno*, do frei Manuel Calado (1648).

No primeiro livro, explica Vasconcelos, há diversas referências sobre a localização de construções situadas no outeiro de Amador Alvres, nas proximidades da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. Esse outei-

ro (pequeno monte) estaria “a tiro de canhão” da povoação, conforme a obra de Duarte Coelho.

Vasconcelos relata que o Outeiro de Amador Alvres é citado como reduto usado pelas tropas de Matias de Albuquerque que ali encontraram abrigo durante o “Exodo Pernambucano” para o sul, quando as tropas holandesas tomaram o Forte Real de Bom Jesus. “O outeiro assume papel importante. Todos os cronistas da guerra falavam dele”, destaca.

Em o *Valoroso Lucideno*, porém, há a referência mais clara, na ótica de Vasconcelos, acerca da existência dos túneis. Trata-se de uma passagem em que frei Manuel Calado, fala da fuga do Conde de Banholo de Porto Calvo, cercada pelos holandeses.

“O padre se refere que

o conde de Banholo teria saído por um caminho secreto, na sua fuga, acossado pelas tropas holandesas comandadas pelo conde João Maurício de Nassau”, detalha o professor.

“Como ele se refere a caminho secreto, então o que significa caminho secreto? É um caminho que você passa por ele e ninguém vê. Que você o percorre e não é pressentido e isso dá a ideia da existência de um túnel, de uma saída de emergência”, conclui Vasconcelos, que defende, na atualidade, um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

“Qual a função da ciência? A procura da verdade. Se existe alguma referência sobre a existência de túneis, cabe aos pesquisadores averiguar se essa referência é verdadeira”, disse. ◻



ALOÍSIO VILELA
 PROFESSOR
 “Qual a função da ciência? A procura da verdade. Se existe alguma referência sobre a existência de túneis, cabe aos pesquisadores averiguar se essa referência é verdadeira”

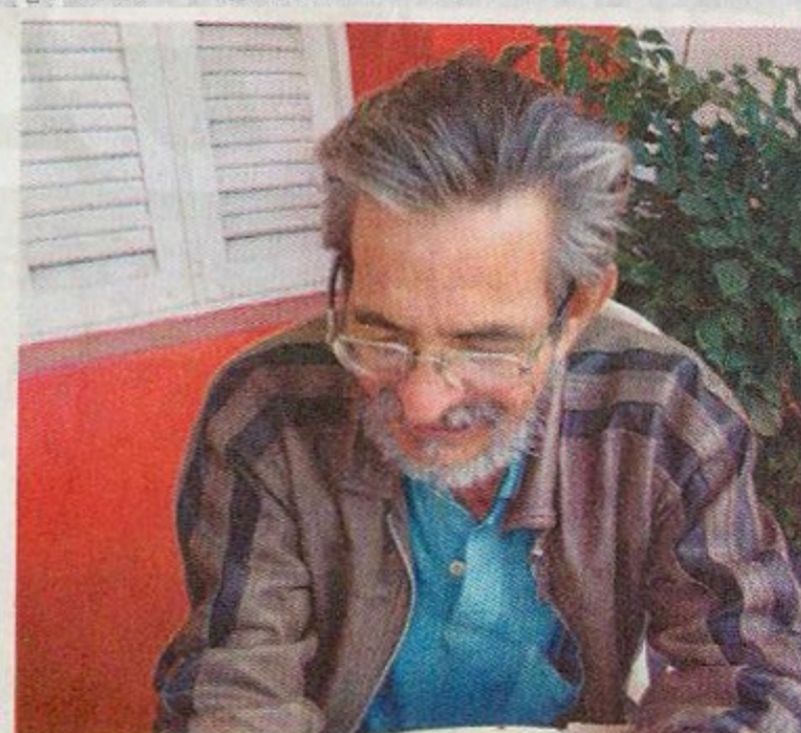


Ótica

Em o *Valoroso Lucideno* há a referência mais clara, na ótica de Vasconcelos, acerca da existência dos túneis



Buraco apontado pelo professor foi tamponado para evitar acidentes



O aposentado Jovânio Trindade Carneiro acredita que o buraco existente ao lado da igreja é a chave para desvendar o mistério

Buraco intriga arqueólogo

Porto Calvo – Em maio de 1999, o professor de arqueologia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Aloísio Vilela de Vasconcelos, esteve em Porto Calvo para conversar com o padre Exedito Barbosa e saber se, de fato, havia túneis partindo de dentro da igreja matriz de Nossa Senhora da Apresentação em direção ao rio Manguaba. Segundo Vasconcelos, o religioso negou veementemente essa possibilidade.

O professor ficou convencido, mas notou que, no terreno ao lado da matriz, havia um buraco profundo, uma espécie de sumidouro. Alguns populares afirmaram-lhe que ali seria, na verdade, a entrada para a rede de túneis. Vasconcelos fotografou o local e, mais tarde, convidaria um especialista em exploração de cavernas para sondar o lugar.

A data foi marcada, porém, dias depois, o explorador faleceu. Desde en-

tão, o professor de arqueologia cessou os trabalhos *in-loco*.

“Diante do texto, na página 79 do livro do Frei Manuel Calado, eu acredito que, se existia túnel, existia do Outeiro de Amador Alvres para o rio Manguaba e não da igreja para o rio Manguaba”, disse Vasconcelos. Ele teme, entretanto, que intervenções feitas pela construção civil, ao longo dos tempos, tenham afetado as supostas estruturas subterrâneas.

A Gazeta foi ao local indicado pelo professor na semana passada e encontrou o buraco tamponado por uma estrutura de cimento. A reportagem também conversou com moradores da cidade que acreditam que aquela depressão seria a entrada para os túneis. Uma delas é o vigilante aposentado Jovânio Trindade Carneiro, 71 anos.

“As pessoas dizem que aquilo é uma fossa, outros

falam que é uma cacimba, mas não é nada disso. Quem entrar ali vai sair no rio”, acredita.

Jovânio lembrou que o buraco foi fechado porque animais de pequeno e grande porte já caíram ali. “Até uma galinha minha caiu naquele buraco. Depois que uma criança despencou lá dentro, fecharam de vez”, recordou ele.

Quando ainda encontrava-se aberto, Jovânio tinha o costume de jogar pedras a fim de sondar a profundidade. “Eu jogava uma pedra pesada e ela demorava muito a bater no fundo. Acho que esse buraco tem pra mais de seis metros. Ninguém nun-

ca entrou lá, mas se entrar vai desvendar o mistério”, desafia o aposentado, que mora nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora da Apresentação.

O professor de arqueologia defende a realização de uma pesquisa com objetivo de encontrar a exata posição do Outeiro de Amador Alvres e assim acabar de vez com a dúvida sobre a existência ou não das estruturas subterrâneas.

“É preciso identificar onde ficava o Outeiro, identificar onde o Conde de Banholo construiu os redutos e se há algum túnel com saída em direção ao rio Manguaba. O caminho secreto, citado no livro, saía dos redutos direto para o rio Manguaba, que era navegável em direção ao mar”, avaliou o professor. “Isso iria enriquecer a história do município. Iria servir de atração turística, uma vez consolidada a existência desses túneis”, finalizou. ◻ ◻

Entrada

A Gazeta conversou com moradores que acreditam que aquela depressão seria a entrada para os túneis